Editora: Ana Paula Macedo // anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172 / fax: 3214-1155



IMIGRAÇÃO

# Uma tragédia sem fronteiras

Perseguição religiosa, guerras e miséria deixam ilegais reféns de contrabandistas. Asiáticos, africanos e sírios enfrentam perigosas travessias em alto-mar, enquanto governos ignoram catástrofe humanitária. Especialistas defendem concessão de asilo

» RODRIGO CRAVEIRO

O mundo fecha os olhos e as autoridades dão as costas, enquanto milhares de homens, mulheres e crianças são tragados pelo mar ou abandonados para morrer à míngua. Muitos se submetem ao risco representado pela travessia, à sede ou à fome extenuante e à ganância violenta dos traficantes. A busca — tantas vezes cega e incansável — pela paz, por oportunidades de trabalho e por uma chance de serem reconhecidos como pessoas esconde uma catástrofe humanitária que atinge a Europa e, mais recentemente, o sudeste da Ásia.

Oprimidos em Mianmar, muçulmanos da etnia Rohinga se transformaram em apátridas em alto-mar, rejeitados pela Malásia, Tailândia e Indonésia, e proibidos de voltarem para o próprio país. Quando escapam do cemitério do Mediterrâneo, africanos e sírios expulsos pelas guerras e pela miséria acabam jogados no limbo pela União Europeia (UE), onde se apinham em centros de refugiados provisórios na Itália. Tanto as nações asiáticas quanto as europeias não sabem, ou não querem, lidar com o fenômeno da imigração ilegal.

Professor do Instituto da Universidade Europeia, em Florença (Itália), e diretor do Observatório Europeu sobre Cidadania, o austríaco Rainer Bauböck explica ao **Correio** que as crises humanitárias exigem respostas humanitárias. "A reação tem que ser coordenada entre os Estados envolvidos", afirma. "A única explicação para esse desastre está no fato de que as pessoas estão desesperadas o bastante para se lançarem nessas viagens. Não se trata de falta de informação sobre os riscos ou apenas de atração por uma vida melhor. Esses imigrantes comparam a violência enfrentada nos países de origem ao perigo de morrerem na travessia. E escolhem a exposição ao risco", acrescenta.

O desespero e a falta de perspectivas abastecem um mercado cruel, o do tráfico humano. De acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes, os contrabandistas cobram até US$ 50 mil para transportar os migrantes ao país desejado — uma indústria clandestina que movimenta cerca de US$ 2 bilhões. Na última segunda-feira, a UE pediu à ONU autorização para pôr em marcha um plano de bombardeio aos barcos de traficantes. Tanja Müller, codiretora do Instituto de Resposta Humanitária e a Conflitos da Universidade de Manchester (Reino Unido), discorda da medida e explica que os criminosos apenas servem a uma demanda. "Enquanto milhares de pessoas continuarem presas em locais como a Líbia, sem garantia de segurança, o contrabando vai persistir. O bombardeio apenas levará a uma redução do número de barcos e em trajetos ainda menos seguros, em botes infláveis", sustenta. A especialista acredita que a solução para a crise envolve a adoção de meios legais para que refugiados em potencial oficializem os pedidos de asilo. "Bombardear barcos equivale a reforçar as fronteiras e fechar os olhos", critica.

Mahmud Turkia/AFP - 15/9/14

**Corpos de ilegais recolhidos pela Guarda Costeira da Líbia, perto de Trípoli**

Chistophe Archambaut/AFP - 14/5/15

**Rohinga come corda de barco, próximo à ilha tailandesa de Koh Lipe**

Alberto Pizzoli/AFP - 22/4/15

**Africano celebra chegada a Catânia, na Itália, depois de longa travessia**

## Apelo americano

O secretário de Estado dos Estados Unidos, John Kerry, fez um apelo aos governos do sudeste asiático para que "trabalhem juntos rapidamente, principalmente com o objetivo de salvar a vida dos migrantes", em sua maioria bengaleses e rohingas, uma minoria muçulmana perseguida em Mianmar. Mas a Indonésia permanece firme no intuito de não permitir a entrada dos estrangeiros. "Eles não serão autorizados a entrar em nossa região. Se o fizerem, isso pode criar problemas sociais", declarou o general Moeldoko, chefe do Exército indonésio, a meios de comunicação estatais.

## Reconhecimento

A Comissão Europeia defende que o ataque às embarcações ilegais implodiria o "modelo de negócios" dos traficantes humanos. "É mais provável que isso leve os traficantes a utilizarem barcos ainda menores e menos seguros. Tal estratégia colocaria ainda mais em risco os migrantes", concorda Bauböck. Vice-chefe da missão na Indonésia da Organização Internacional para as Migrações (OIM), Steven Hamilton defende medidas burocráticas para salvar vidas. "Quando os barcos chegam à costa, os países precisam reconhecê-los como embarcações em perigo. Já está claro que os imigrantes são contrabandeados, tornam-se vítimas dos traficantes. Os governos têm que reconhecer essa situação como um crime transnacional e uma crise humanitária", observa Hamilton.

Somente neste ano, mais de 36 mil pessoas atravessaram o Mediterrâneo, metade delas fugindo de conflitos na Síria, na Somália e na Eritreia. Pelo menos 1.800 perderam a vida em naufrágios. O cenário não é menos grave no sudeste asiático, onde 25 mil migrantes rohingas tentaram cruzar a Baía de Bengala desde janeiro — nos últimos três anos, 86 mil muçulmanos deixaram Mianmar. Bauböck observa que o fenômeno na Ásia é recorrente. "Não se trata de algo único ou raro. Populações que não tiveram a chance de participar de processos democráticos por um longo período frequentemente se voltam contra minorias quando se veem com a chance de governar uma nação livre", disse. No caso dos rohingas, o especialista austríaco entende que países democráticos e organizações internacionais têm a obrigação moral de externar ao governo birmanês que a limpeza étnica é intolerável e se comprometer com ajuda econômica e apoio político. No entanto, ele sublinha que a assistência ao desenvolvimento não deveria ser motivada pela meta de redução de migração, mas por preocupações com a justiça social global.

Em meados de julho, líderes da UE vão se reunir para discutir um sistema de cotas para o recebimento de imigrantes. A ideia inicial é abrir as portas para 20 mil ilegais até 2017, que seriam acomodados em distintos países. Tanja Müller elogia a proposta e lembra que o bloco europeu é uma comunidade de valores, o que exigiria uma solução conjunta para a crise migratória. "As cotas dependeriam do tamanho e da riqueza da população. Países como o Reino Unido, que se recusam a aceitá-la, deveriam se sentir envergonhados."

**1.800**

*Total de imigrantes mortos em naufrágios no Mar Mediterrâneo somente em 2015*

**25 MIL**

*Número de imigrantes rohingas que fugiram de Mianmar, desde o início do ano*

## Ponto de vista

Por Rainer Bauböck

### *Legalização como saída*

Arquivo pessoal

*"A única forma de reduzir a perda de vidas e de minar o negócio dos traficantes é por meio da abertura de canais legais para a admissão de refugiados. As nações precisam organizar passagens seguras para eles. Tornar mais difícil a entrada dos imigrantes vai aumentar o saldo de mortos e fortalecer a demanda pelo tráfico humano."*

Professor do Instituto da Universidade Europeia, em Florença (Itália), e diretor do Observatório Europeu sobre Cidadania

Por Tanja Müller

### *Reflexo da ordem global*

Arquivo pessoal

*"Precisamos aceitar que tais fluxos de pessoas são causados pela ordem política global e, por isso, precisam de uma solução política. Isso não é simplesmente uma crise humanitária, mas uma crise nos valores da Organização das Nações Unidas. É preciso o reconhecimento de que isso é algo que demanda vontade política e engajamento."*

Codiretora do Instituto de Resposta a Conflitos e Humanitária da Universidade de Manchester (Reino Unido)

Jason Florio/AFP - 3/5/15

**Migrantes lotam barco de madeira no Mar Mediterrâneo: desespero motiva fuga de países em viagens arriscadas e sem segurança**